

## **PANDEMIA DO COVID-19: uma apreciação da ética prática consoante ao pensamento de Peter Singer**

Reinaldo Knorek<sup>1</sup>  
Ancelmo Schöner<sup>2</sup>

**RESUMO** – Este artigo se fundamenta na área filosófica, baseada na ética prática, por meio de análises sobre a pandemia que assola o planeta terra em 2020: o COVID19. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a doença é causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), onde a pessoa que contrai apresenta um quadro clínico com várias infecções assintomático e quadros respiratórios graves. Embora, o Coronavírus seja uma família de vírus que causam infecções respiratórias e o novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China. De tal modo, o artigo faz uma análise a partir do estilo lúdico dos argumentos do australiano Peter Singer sobre os desafios éticos nas obras - Liberação Animal (1975), e Ética Prática (1979). Assim, os novos paradigmas (a função do Estado, a transformação do capitalismo e uma humanidade interconectada) vêm moldando a vida das pessoas e levam a repensar as questões éticas a respeito da vida prática. O método utilizado como objetivos é o exploratório explicativo, de abordagem qualitativa e de procedimentos bibliográfico, *expost-facto* da pandemia ocasionada pela disseminação do COVID19. Conclui-se, contudo, que a pandemia de 2020, em todo seu contexto e impactos, mudou o comportamento das pessoas no planeta, na vida diária, com novos costumes e rumos na vida humana planetária: sobremaneira nas questões da ética prática.

**Palavras-chave:** COVID-19. Ética. Pandemia. Desenvolvimento Comunitário. Filosofia.

**ABSTRACT** - This article is based on the philosophical area, based on practical ethics, by means of analyzes on the pandemic that has been ravaging the planet Earth in 2020: The COVID19. For the World Health Organization (WHO), the disease is caused by coronavirus (SARS-CoV-2), where the person who contracts presents a clinical picture with several asymptomatic infections and serious respiratory frameworks. Although, the CORONAVIRUS is a family of viruses that cause respiratory infections and the new agent of coronaviruses was discovered in 31/12/19 after cases registered in China. In this way, the article makes an analysis from the playful style of the arguments of the Australian Peter Singer on the ethical challenges in the works - Animal Liberation (1975), and Practical ethics (1979). Thus, the new paradigms (the function of the State, the transformation of capitalism and a humanity internetwork) are shaping the lives of people and lead to rethink the ethical issues regarding the practical life. The method used as goals is the explanatory exploratory, qualitative approach and bibliographic procedures, *ex post-facto* the pandemic caused by the spread of COVID19. It is concluded, however, that the pandemic of 2020, in its entire context and impacts, changed the behavior of people on the planet, in daily life, with new habits and directions in human life: Planetary greatly in matters of practical ethics.

**Keywords:** COVID-19. Ethics. Pandemic. Community Development. Philosophy.

### **A ÉTICA E SUAS IMPLICAÇÕES DIANTE DA PANDEMIA DO COVID19**

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Comunitário da UNICENTRO-PR. E-mail: [reinaldok1966@gmail.com](mailto:reinaldok1966@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Comunitário. UNICENTRO –PR. E-mail: [ancelmo.schorner13@gmail.com](mailto:ancelmo.schorner13@gmail.com)

Para Peter Singer – algumas pessoas pensam que a moral está ultrapassada nos dias atuais. Encaram a moral como um sistema de proibições puritanas descabidas que se destinam, sobretudo a evitar que as pessoas se divirtam, pois os moralistas tradicionais pretendem serem os defensores da moral em geral, mas o que defendem, na realidade, é um determinado código moral, da vida diária, com ideias da proibição - como um código de conduta - para as pessoas em comunidade, principalmente numa pandemia, que está assolando, neste ano de 2020, o planeta terra. Assim Peter Singer define o que não se trata na ética, sobretudo, fora da prática:

Primeiro, dizer da ética é que não se trata de um conjunto de proibições particularmente respeitantes ao sexo. Em segundo lugar, a ética não é um sistema ideal nobre na teoria, mas inútil na prática. O inverso está mais perto da verdade: um juízo ético que seja mau na prática sofre necessariamente de um defeito teórico, porque a finalidade do juízo ético é orientar a prática (SINGER, 1998, p.10).

Assim sendo, na teoria seria orientar, na prática, a vida das pessoas, neste momento que se vive uma pandemia de vírus, para viver em sociedade, um respeitando o espaço do outro. Na prática - ou proibir ou deixar livre -, numa pandemia, pode levar ao abismo muitas mortes, quando uma das alternativas, bem simples seria o isolamento social. Ou, quando as regras por mais simples que sejam podem levar ao conflito e desastres como foi o fato acontecido e noticiado, no Brasil, em abril, num supermercado. Segundo RITZ (2020), uma discussão por causa do uso de máscara para prevenção do coronavírus dentro do hipermercado Condor, na marginal da Rodovia do Xisto, em Araucária, na Região Metropolitana de Curitiba, acabou com uma funcionária morta e um homem ferido. Segundo informações da Polícia Militar, um cliente quis entrar no supermercado sem a máscara, mas foi alertado por um funcionário, fiscal da loja, que não poderia. Ele reagiu e um segurança, da loja, teve que intervir na situação. Durante a briga, o segurança disparou dois tiros. Segundo informações do Condor, o cliente teria tentado pegar a arma do segurança. Um dos tiros acertou de raspão o cliente, mas o outro atingiu uma funcionária, de 25 anos, no pescoço: Ela morreu na hora. Existia uma regra, de convívio social que não foi respeitada pelo cliente, pois o mesmo gerou uma discussão na porta do supermercado, que começou com uma funcionária do estabelecimento, pois a mesma teria informado ao cliente envolvido que o uso de máscara é obrigatório para compras no local. O cliente teria reclamado e se negado a usar uma máscara que o funcionário estava lhe cedendo

gratuitamente. Certamente, na idéia de Singer (1998, p. 11) ao diz que aquelas pessoas que pensam que a ética é um sistema de regras podem salvar a sua posição elaborando regras mais complicadas e específicas que não se contradigam, ou organizando essas regras numa estrutura hierárquica que resolva os conflitos entre elas. Além disso, há uma velha abordagem, da ética, que pouco sofre com as complexidades que tornam essas regras simples de difíceis na aplicação: a perspectiva consequencialista. Os consequencialistas não partem de regras morais, mas de objetivos. Avaliam as ações na medida em que favorecem esses objetivos. A teoria consequencialista mais conhecida, embora não sendo a única, é o utilitarismo. O utilitarismo clássico considera uma ação um bem quando esta produz um incremento igual ou maior da felicidade de todos os envolvidos relativamente a uma ação alternativa, e um mal se assim não acontecer. Na pandemia, muitos estão questionando se defender a vida ou a economia, qual trará menor prejuízo ou morte? A felicidade de todos estaria na não discriminação do vírus que esta causando a morte de muitos pelo mundo, mas a felicidade seria salvar a economia. Outro ponto, Singer, fala que:

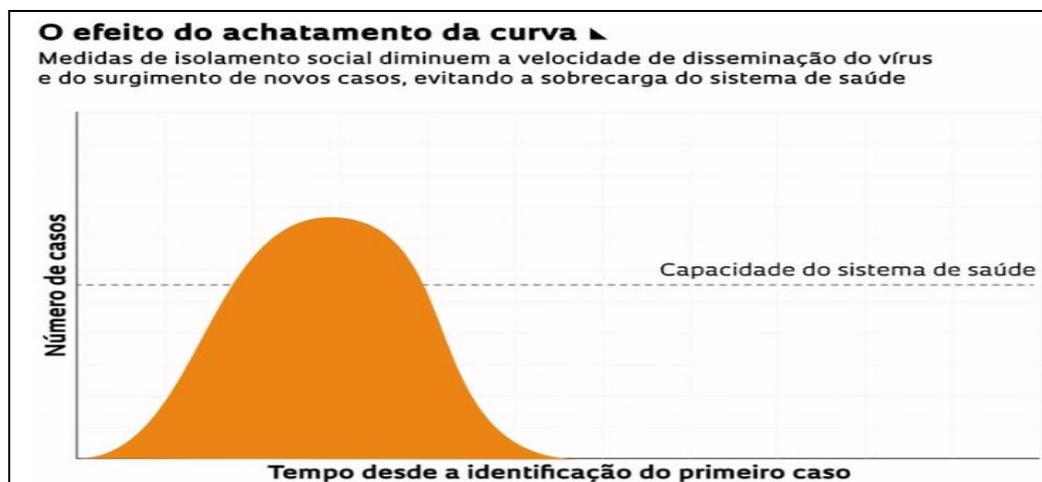
A ética não é algo que apenas se torne inteligível no contexto da religião. Tratarei a ética como algo totalmente independente da religião. Alguns teístas dizem que a ética não faz sentido sem a religião porque o próprio significado de "bem" é "aquilo que Deus aprova". Platão refutou uma tese semelhante há mais de 2000 anos, argumentando que se os deuses aprovam uma ação, é porque essa ação é um bem; não pode ser a aprovação dos: deuses que a torna um bem. (Singer, 1998,p.11).

Porém, no momento atual de pandemia, observa-se que o comportamento ético prático, apesar das reiteradas recomendações dos órgãos de saúde, para que se evite contato social e aglomerações, com essa ação pode diminuir a disseminação do coronavírus, algumas igrejas evangélicas e também megaigrejas como a Universal do Reino de Deus de Edir Macedo, a Assembleia de Deus Vitória em Cristo de Silas Malafaia e a Igreja Mundial do Poder de Deus, de Valdemiro Santiago — todas com milhares de templos espalhados pelo país e cujas sedes têm capacidade para 10 mil pessoas, 6 mil pessoas e 15 mil pessoas, respectivamente, seguem abertas e com alguns cultos cheios ou tentam não fechar as portas descumprindo os decretos dos governadores e prefeitos. O líder da Igreja Universal do Reino de Deus também chegou a publicar um vídeo em que diz que o coronavírus não passa de uma estratégia de Satanás e da mídia para induzir as pessoas ao

pânico. O mesmo disse: “Meu amigo e minha amiga, não se preocupe com o coronavírus. Porque essa é a tática, ou mais uma tática, de Satanás. Satanás trabalha com o medo, o pavor. Trabalha com a dúvida. E quando as pessoas ficam apavoradas, com medo, em dúvida, as pessoas ficam fracas, débeis e suscetíveis. Qualquer ventinho que tiver é uma pneumonia para elas”, afirmou. Uma vez na prática podemos viver como desejamos em sociedade, defrontamos com regras de convívio, ainda mais quando surge uma pandemia que obriga toda sociedade a seguir regras de isolamento, que muitas vezes, não está sendo aceita por muitos: as regras sociais numa pandemia deve ultrapassar o sentido de fé pregado pelas religiões. Logo, em qual razão não seguir as regras de isolamento, impostos para a sociedade, para se evitar que a pandemia dure por muito tempo, pois, usar máscara e álcool gel como forma de evitar a transmissão do vírus retardaria o saturamento do sistema de saúde do país. A ação na ética prática se conjectura em todos na sociedade de aumentar ou diminuir a contaminação.

ZORZETTO, da Pesquisa Fapesp (2020), fala em estudos, que os controles sobre uma pandemia pode ser medida pela curva epidêmica, de modo simplista, é representada por um gráfico simples, porém útil para as autoridades de saúde. Velha conhecida dos epidemiologistas, pesquisadores que investigam como as doenças atingem diferentes populações, ela mostra o número de casos no tempo e permite conhecer a evolução inicial da doença, algo fundamental para o planejamento de ações de saúde pública. Muitas das novas infecções que se abatem sobre a humanidade se comportam de modo semelhante e produz uma curva epidêmica com a mesma aparência, quase sempre um gráfico em forma de sino. O gráfico é mais estreito no eixo horizontal e alongado no vertical quando a infecção se dissemina rapidamente. E mais bojudado na horizontal e achatado na vertical em epidemias de espalhamento lento. Apresentada nas páginas da revista britânica - *The Economist* - no início de março de 2020, a figura correu o mundo por representar de modo simples o desafio do sistema de saúde dos vários países diante da propagação do novo coronavírus, o Sars-CoV-2, causador da Covid-19. Assim como as curvas epidêmicas de outras infecções, a do novo coronavírus vem sendo fatiada em três faixas verticais para avaliar a evolução do problema: uma à esquerda, outra central e a terceira, à direita. A faixa mais à esquerda é a que chama mais a atenção de autoridades de saúde atualmente. No caso de infecções novas, contra as quais as pessoas ainda não têm imunidade e que podem contagiar toda a população, essa parte da curva descreve a fase de crescimento exponencial ou acelerado da epidemia. Nela, o número de casos cresce tão rapidamente

que o total dobra em poucos dias. Quanto maior esse ritmo de crescimento, mais íngreme se torna a curva. Observa-se a figura 1, a curva de achatamento da pandemia COVID19.



Fonte: Esther Kim e Karl T. Bergstrom/ University of Whashington/Creative Commons. 2020.

O caso da China, a ideia do achatamento da curva poderia funcionar onde ganhou crédito depois que o governo Chinês, cancelou as festividades de Ano-Novo em janeiro, restringiu as viagens e orientou que milhões de pessoas em diferentes cidades permanecessem em casa. Desse modo, o país conseguiu, em cerca de um mês reduzir o número diário de novos casos dos quase 3,9 mil do auge, para pouco mais de uma dezena. Quando o governo, da China, toma atitudes de evitar aglomerações e consegue diminuir a pandemia, muitos países, no seu uso de emitir um juízo moral, discutir uma questão ética ou viver de acordo com padrões éticos de outros países, com os diferentes juízos morais de outros juízos práticos, não seguiram o exemplo, como EUA, Itália, Espanha, Brasil, entre outros, em que a pandemia se alastra, dia a dia, como demonstrado na curva do achatamento da figura n 1, e com isso, a capacidade do sistema de saúde entrou em colapso nestes países, superando em milhares os contagiados e mortos por causa do COVID-19.

Destaca-se na análise do gráfico da epidêmica, no Brasil<sup>3</sup>, desde o dia 26 de fevereiro de 2020, foi confirmado o primeiro caso de coronavírus, o paciente é um homem de 61 anos que viajou à Itália, e deu entrada no Hospital Albert Einstein, chegando no dia 25 de maio, segunda-feira, passados 89 dias, chega-se em **374.898** casos confirmados do novo coronavírus, além do número de óbitos com o primeiro caso dia 27 de março de 2020

<sup>3</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/25/brasil-tem-23473-mortes-pelo-novo-coronavirus-diz-ministerio.ghtml>. Acesso em 25 de maio de 2020.

e atualizado, após 58 dias chega à **23.473** pessoas que perderam a batalha pela vida nesta pandemia. Não obstante, atualizar os dados no dia 07 de agosto, sexta feira, passados 73 dias, chega-se em **2.918.554** casos confirmados<sup>4</sup> do novo coronavírus, além do número de óbitos com o primeiro caso dia 27 de março de 2020 e atualizado, após 162 dias chega à **98.650** mortes confirmadas de pessoas que perderam a batalha pela vida nesta pandemia. O certo é de que a tendência é aumentar essa curva quando a sociedade não seguir regras de isolamento social ou cuidados mínimos de limpeza das mãos com uso do álcool gel ou lavar as mãos com água e sabão. Certamente, mostra-se em tudo na universalidade de regras de convívio social e respeito que a vida do próximo diante de uma pandemia é uma questão de ética na prática.

Para KNOREK (2018, p. 178), precisamos compreender os argumentos sobre as questões morais, no caso da bioética, a partir das duas vias filosóficas - essencialismo e pragmatismo – e ainda, em três pontos de vista da justificação e da ação moral: o ponto de vista na ótica dos vitalista, o ponto de vista dos pragmatistas e o ponto de vista dos liberais. No ponto de vista dos vitalistas sempre se opõe às escolhas e posturas morais que possam colocar em risco até mesmo negar a vida humana, desde a concepção até seu ocaso natural. Insiste em afirmar que a vida humana é sagrada por princípios e pressupostos por excelência e acima de qualquer outro valor. Deus é o Senhor da vida, a pessoa humana é criada a sua imagem e semelhança, seu caráter é sagrado e inviolável. A sacralidade da vida humana mantém a verdade integral à realidade bíblica e teológica devida essa condição de que Deus é o que dá a vida. Pois a vida é sempre um bem, um dom, é sagrada, é inviolável. Nesse ponto de vista admite-se a existência da pessoa humana desde sua concepção e não a partir da formação do córtex cerebral que é determinante para determinar e conferir o embrião com o estatuto de humano. A vida é sagrada desde a fecundação. Portanto, defender a vida de todos diante dessa pandemia, é manter a sacralidade da vida. Para o ponto de vista dos pragmáticos, que é orientado para a prática da vida, se estreita ao plano ideal e normativo com viés no plano concreto e situacional das práticas e conseqüências dos atos. Esse ponto de vista não é o valor em si, mas volta-se a fato e a questão ética adquire o contorno do mundo real, a feição da complexidade das relações do comportamento humano na sociedade. A melhor escolha se fundamenta no princípio de que o menor mal é o melhor, e que o dano físico e o moral o que deve sofrer o sacrifício é o

---

<sup>4</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/07/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-7-de-agosto-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em 07 de agosto de 2020.

mal físico, ou seja, recai para o que comporta o de menor gravidade. Busca-se evitar o mal e proporcionar um maior benefício possível para a sociedade como um todo. Desde o princípio hipocrático de evitar a mal, passa pelo princípio de autonomia, com os direitos da pessoa e sua liberdade, se assegurando no princípio da justiça com relação aos terceiros e a relatividade e das circunstâncias dos valores que se afirmam nos conflitos morais e éticos. Portanto os pragmáticos defendem a dependência da vida vinculada ao fator econômico: salvando a economia salvamos a vida. E por fim, o ponto de vista liberal na justificação moral e que participam de um contexto pragmático. Partem do princípio da liberdade e autonomia numa visão moral secular. O valor da vida representa um papel secundário e de subordinação, pois a problemática da bioética está determinada pelas necessidades de escolhas e da autonomia do próprio sujeito. Esse ponto de vista depende do que esse indivíduo está inserido no momento do ato moral. Portanto, os liberais dependendo do meio que estiverem inseridos, defendem sua posição. Perto dos defensores vitalistas defendem a vida sagrada, perto dos defensores pragmáticos defende a economia como salvadora da vida. Consoantes às justificações, tanto na via essencialista como a pragmática e nos pontos de vista, diante da pandemia que o mundo está vivendo, desde fevereiro de 2020, no Brasil, observa-se que muitos justificam suas ações morais, por corrente essencialista, e dizem que se devem parar todos os sistemas de produção e comercialização e cuidar das pessoas, não existe sentido de uma economia com a morte de muitos. Ao mesmo tempo os que justificam suas ações de modo pragmático, ou seja, não importa quantos irão morrer, pois a economia é que vai salvar todos. Essas justificativas são observadas na fala do Presidente Bolsonaro<sup>5</sup>: em pronunciamento em rede nacional na noite de terça-feira (24/03/20), Bolsonaro fez um apelo pela "volta à normalidade", a reabertura do comércio e a reabertura das escolas. Na fala, ele chamou a doença de "resfriadinho", contrariou muitos especialistas e pediu o fim do "confinamento em massa" e culpou a imprensa por "espalhar pavor". Muitos setores da sociedade e economistas afirmam, no entanto, que se a epidemia sair de controle, as consequências econômicas podem ser até mais graves, e que salvar vidas deve ter prioridade sobre metas fiscais anuais. Na fala de Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda: "Em primeiro lugar, está o objetivo de salvar vidas; em segundo lugar, de pôr dinheiro nas mãos das pessoas, particularmente às de renda mais baixa, as menos favorecidas. Em terceiro lugar, salvar as

---

<sup>5</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/25/economistas-criticam-posicionamento-do-governo-bolsonaro-frente-a-pandemia-do-coronavirus.ghtml>. Acesso 07/05/2020.

empresas de uma quebra. Numa visão liberal, José Roberto Mendonça de Barros, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, diz que "A chanceler alemã, Angela Merkel disse que, do ponto de vista da Europa, é o maior desafio desde a Segunda Guerra Mundial, o que dá uma ideia dessa dimensão. Porque essa combinação da pandemia com a guerra comercial que já vinha de tempos, e a guerra do petróleo provocou a pior coisa para uma economia, que é a parada súbita. De repente, cria-se uma situação onde o isolamento social é a medida a ser tomada, e isso significa que tudo para. Quando isso acontece, os fluxos financeiros param, as vendas param, e isso que pode provocar o colapso de companhias, de setores, e já irá provocar em qualquer circunstância uma recessão global na qual nós estaremos dentro. A única reação admissível dos governos, fora de seguir as orientações médicas da OMS, de realmente fazer um isolamento inicial para tentar quebrar essa dinâmica do crescimento da transmissão é colocar a política fiscal de uma forma agressiva, para poder auxiliar as pessoas e as empresas a atravessarem esse papel. É lógico que ao fazer isso, qualquer ideia de meta, de *déficit*, tem que ser deixada para depois. Não é bom, mas é o que aconteceu. E nós vamos ter o governo se endividando mais para poder fazer isso. E do lado do Banco Central, baixar juros tem um efeito psicológico, mas a potência da política monetária é menor.

Afim, justificar moralmente na ética, após o surgimento de uma pandemia, tanto pelas vias essencialistas e ou pragmáticas em seus pontos de vista, leva as pessoas agirem pelos seus interesses e dificuldades que estão enfrentando de momento, por conseguinte, faz da ética prática, o grande ponto de interrogação na atualidade: o que defender - na crise da pandemia - a vida ou a economia? Certamente é difícil de responder com poucas palavras se a vida tem maior valor do que a economia.

### **IMPLICAÇÕES DIANTE DA PANDEMIA SOBRE A IGUALDADE E O DIREITO À VIDA OU À MORTE.**

Desde o século passado, as pessoas vêm assistindo as transformações profundas nas atitudes morais. Uma grande parte dessas mudanças ainda é controversa, pois remetem a opção pela vida ou a morte, além da opção pela economia, diante da pandemia, que assola o planeta e divide opiniões sobre as ações morais humanas. Enquanto isso, o governo do Brasil e empresários, pensam, muito mais em salvar a economia do país exigindo a abertura do comércio e da indústria, segundo SHALDERS, (2020), ao citar a afirmação do

presidente: "Entre morrer de vírus, que uma pequena minoria vai morrer; e uma parcela maior, que poderá morrer de fome, de depressão, de suicídio, de problemas psiquiátricos entre outros, é uma diferença muito grande. E eu, como chefe de Estado, tenho que decidir. Se tiver que chegar a esse momento, eu vou assinar essa medida provisória", Bolsonaro também pediu a governadores e prefeitos que mantêm o comércio fechado que "revejam as suas posições". Também disse: "Pode, num momento oportuno caso seja necessário fazer um isolamento, lá na frente, você não ter condições de fazê-lo porque a economia da cidade já foi destruída", disse ele. Enquanto isso o setor da saúde, baseado nas recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março de 2020 noticia que a COVID-19 foi caracterizada como uma pandemia e solicita, sobretudo, o isolamento social para evitar o aumento de mortes causadas pelo COVID-19 no mundo. Assim, o isolamento social<sup>6</sup> é defendido por especialistas e autoridades da saúde de todo o mundo como uma estratégia eficiente contra a propagação do novo coronavírus. É o que defendem, por exemplo, a OMS, medidas como a quarentena, com fechamento de comércio e proibição de outras atividades, busca evitar que as pessoas se encontrem ou se aglomerem, ajudando no controle da pandemia. Dessa forma, é possível frear a curva de crescimento de casos, evitando assim que um grande número de pessoas não fique infectado ao mesmo tempo e sobrecarregue os sistemas de saúde: já que o Brasil tem um precário o sistema de saúde, com poucos recursos e profissionais especializados, neste tipo de atendimento.

Segundo Singer, outra questão que nos leva a pensar no princípio da igualdade é a "ação afirmativa". Alguns filósofos e advogados defendem que o princípio da igualdade exige que os membros das minorias desfavorecidas sejam privilegiados na atribuição de empregos ou lugares nas universidades. Outros defendem que o mesmo princípio da igualdade rejeita qualquer discriminação racial, seja ela a favor ou contra os membros mais desfavorecidos da sociedade. Só podemos encontrar respostas para estas questões se soubermos com clareza o que pretendemos dizer e se pudermos justificar a nossa afirmação de que todos os seres humanos são iguais e daqui a necessidade de indagar os fundamentos éticos do princípio da igualdade (Singer, 1998, p. 26). Quando dizemos que todos os seres humanos são iguais, independentemente de raça ou sexo, o que estamos exatamente a proclamar? Os racistas, os sexistas e outros adversários da igualdade não têm

---

<sup>6</sup>Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/21/Os-estudos-que-mostram-o-impacto-positivo-do-isolamento-social>. Acesso em 14/05/2020.

deixado de assinalar que, qualquer que seja o critério que escolhamos, não é pura e simplesmente verdade que todos os seres humanos sejam iguais. Uns são altos, outros baixos; uns são bons em matemática, outros maus; uns conseguem correr 100 metros em 10 segundos, outros gastam 15 ou 20; alguns são incapazes de fazer mal a outro ser intencionalmente, outros matariam um estranho por 20 contos caso se conseguissem safar impunemente; alguns têm vidas emotivas que raiam os limites do êxtase ou as profundezas do desespero, enquanto outros vivem em sossego, indiferentes ao que se passa ao seu redor. John Rawls defendeu, na sua influente obra - Uma Teoria da Justiça -, que a igualdade se pode fundamentar nas características naturais dos seres humanos, desde que escolhamos aquilo a que chama uma "propriedade de base geral". Suponhamos que desenhamos um círculo numa folha de papel. Todos os pontos contidos nesse círculo - é essa a "base geral" - têm a propriedade de estar contidos nesse círculo e têm essa propriedade por igual. Alguns pontos podem estar mais perto do centro e outros mais próximos da periferia, mas todos eles são igualmente pontos no interior do círculo. Analogamente, Rawls defende que a "personalidade moral" é uma propriedade que todos os seres humanos possuem - e possuem-na por igual. Rawls sustenta que a personalidade moral é a base da igualdade humana, uma perspectiva que decorre da sua abordagem contratualista da justiça. A tradição contratualista encara a ética como uma espécie de acordo mutuamente benéfica -, por assim dizer, uma espécie de "se não me agredires, não te agrido". Daí que apenas estejam na esfera da ética aqueles que são capazes de perceber que não estão a ser agredidos e de refrear a sua agressividade em consequência disso (Singer, 1998, p.29-30). Quando falamos em agressões, como os fatos ocorridos no dia do trabalhador<sup>7</sup>, em que profissionais da área de enfermagem se reuniram em frente ao Supremo Tribunal Federal em um ato silencioso em homenagem aos colegas de profissão perdidos para o novo Coronavírus. Os enfermeiros também utilizaram o momento para reafirmar a importância do isolamento social para o controle da pandemia, e reivindicar a valorização e reconhecimento da profissão como fundamental para a saúde. Durante o ato, os manifestantes foram surpreendidos por apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, e confrontados com palavras de ódio e agressões. Ao tentar partir para cima dos profissionais, um homem precisou ser contido pelos demais presentes. De acordo com uma das enfermeiras, as agressões progrediram de acordo com que os profissionais

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/cidades/dias-de-pandemia-apos-agressoes-enfermeiras-desabafamos-com-medo/>. Acesso em 18 de maio de 2020.

permaneciam calados. “As agressões aumentavam conforme nos mantínhamos em silêncio, afinal essa era a nossa questão, ficar ali, em silêncio, pelas vidas perdidas e pelo respeito à nossa profissão”. Perdeu-se o respeito de igualdade e defesa da vida pela política. Assim, para Singer, a igualdade na consideração de interesses é um princípio mínimo de igualdade no sentido em que não dita um tratamento igual. Tomemos um exemplo relativamente simples de interesse: o interesse no alívio da dor. Imaginemos que, após um terremoto, se me deparam duas vítimas, uma com uma perna esmagada, em agonia, e outra com um ferimento numa anca, com dores ligeiras. Só me restam duas doses de morfina. Um tratamento igual ditaria que eu desse a cada pessoa ferida uma dose, mas uma dose pouco faria para aliviar a dor da pessoa com a perna esmagada. Ficaria ainda com muito mais dores que a outra vítima; e, mesmo depois de lhe ter administrado a primeira dose, dar-lhe a segunda proporcionaria maior alívio que aplicar essa dose à pessoa com dores ligeiras. Daí que a igualdade na consideração de interesses nesta situação levasse àquilo que algumas pessoas podem considerar um resultado desigual: duas doses de morfina para uma pessoa e nenhuma para a outra. (Singer, 1998, p.33). Porquanto, no período da pandemia, a igualdade entre seres humanos está cada vez mais distante, pois o que vem ocorrendo na Itália: segundo BARIFOUSE (2020), notícias do Colégio Italiano de Anestesia, Analgesia, Ressuscitação e Cuidado Intensivo (SIAARTI, na sigla em italiano) divulgou um documento em que prevê que a falta de recursos suficientes para tratar todos os pacientes graves pode fazer com que médicos e enfermeiros tenham de escolher quem será admitido nas unidades de tratamento intensivo (UTI) de acordo com suas chances de sobreviver. Isso significa fazer "escolhas difíceis" de acordo com a chance de sucesso de tratamento, considerando a idade do paciente, se esta pessoa tem outras doenças, a gravidade do seu estado e a possibilidade de reverter esse quadro. "A disponibilidade de recursos não é levada em consideração normalmente nesse processo de decisão e nas escolhas feitas para cada paciente, até que os recursos se tornam tão escassos que isso não permite o tratamento de todos os pacientes que poderiam ser beneficiados", afirma a SIAARTI. A entidade diz que pode ser necessário estabelecer um limite de idade para os pacientes atendidos nas UTIs, reservando os recursos disponíveis para aqueles que têm não apenas maior chance de sobreviver, mas também viverão por mais tempo após serem salvos. Estas podem parecer decisões drásticas, mas, em uma situação como esta, há uma completa saturação dos recursos de UTI, que se cria um "gargalo" no atendimento à população, explica Jaques Sztajnbok, médico supervisor da unidade de tratamento

intensivo do Instituto de Infectologia Emílio Ribas. As notícias ainda falam de uma decisão drástica, mas 'absolutamente racional'. "Se você escolher tratar o paciente 'errado', vai usar muito tempo e recursos com alguém que não chegará a ser salvo e deixará de atender duas ou três outras pessoas, que vão morrer (pela falta de atendimento). Em uma situação assim, é melhor salvar um do que nenhum." afirma Sztajn bok. Há uma implicação de desigualdade ainda mais controversa no princípio da igualdade na consideração de interesses. No caso mencionado, embora a igualdade na consideração de interesses leve a um tratamento desigual, esse tratamento desigual, representa uma tentativa de obter um resultado mais igualitário. Por muito que, pensar na "A escolha de Sofia" (*Sophie's Choice*)<sup>8</sup>, para entendermos melhor a expressão "A Escolha de Sofia" (*Sophie's Choice*), importante ressaltar que tem origem em um filme estadunidense de 1982, do gênero drama, dirigido e roteirizado por Alan J. Pakula e baseado no romance de 1979 de William Styron. Em verdade, trata de um drama que uma cidadã por nome de "Sofia" passa, sendo mãe polaca, filha de pai antissemita, presa num campo de concentração de Auschwitz durante a Segunda Guerra e que é forçada por um soldado nazista a fazer uma difícil e dolorosa escolha que lhe afetaria pelo resto de sua vida. Ela (Sofia) é obrigada a escolher entre seus 2 (dois) filhos apenas 1 (um) filho que sobreviverá ou se não escolher nenhum ambos morrerão, impondo àquela a terrível decisão de escolha, onde 01 (um) ou os 02 (dois) filhos inevitavelmente iriam para a câmara de gás. A "Escolha de Sofia" e o coronavírus transportando isso para o mundo jurídico e para o campo da bioética, a "escolha de Sofia" quer dizer 'escolhas difíceis' e na prática isso significa fazer "escolhas trágicas" de acordo com a chance de sucesso de tratamento de cada paciente, considerando a idade do paciente, doenças preexistentes, a gravidade do seu estado e a possibilidade de reverter esse quadro. Apesar de ser reputada como uma decisão drástica e excepcional é uma deliberação que perpassa pelo crivo racional, já que a situação levada ao extremo (completa saturação dos recursos na UTI) cria um "gargalo" no atendimento à população a ser superado: como vem ocorrendo na nas unidades de tratamento intensivo (UTI) na Itália. Sobretudo, a pandemia já causou muitos infectados e mortes pelo mundo. Os dados<sup>9</sup> da pandemia pelo mundo, no dia 27 de maio de 2020, no mundo são 5.371.800 infectados, 1.784.800 recuperados e 356.300 mortes. Alguns países com maior número de vítimas são

---

<sup>8</sup>Disponível em: <https://meusitejuridico.editorajuspodivm.com.br/2020/03/25/o-coronavirus-o-direito-penal-e-escolha-de-sofia-medicina-de-catastrofe/>. Acesso 12/05/2020.

<sup>9</sup>Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/>? Acesso em 7/08/2020.

no dia 7 de agosto de 2020: EUA 157.779, Reino Unido 46.295; Itália, 35.181; França 30.297; Espanha 28.499; Brasil com 97.256 mortes. Esses dados apresentam crescimento da pandemia pelo mundo: uma escolha de Sofia - será? Pois, quem irá viver e quem irá morrer. Numa pandemia, usar uma forma de superar estes obstáculos seria ir além da igualdade de oportunidades e dar tratamento preferencial aos membros de grupos desfavorecidos. Adotar uma ação afirmativa, na pandemia, poderá fazer a diferença - entre a vida e a morte - entre ricos e pobres: igualdade nas decisões para todos os seres humanos.

### **IGUALDADE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA ANIMAIS DIANTE DA PANDEMIA DO COVID19.**

Nas obras de Peter Singer - *Libertação Animal* (1975), e *Ética Prática* (1979) – o mesmo discute a igualdade para animais em que todos os seres humanos querem o princípio da igualdade como uma consideração de interesses. Somente um princípio moral básico deste tipo pode permitir-nos defender uma forma de igualdade que abarque todos os seres humanos, com todas as diferenças que existem entre eles e que esse princípio proporcione uma base adequada para a igualdade humana, porém, que essa base não se pode limitar aos seres humanos, mas também, de aceitar como base moral sólida das relações com aqueles que não pertencem à nossa espécie: os animais não humanos. O autor ainda fala de problemas sérios, mercedores do tempo e da energia de qualquer pessoa responsável. Mas o que dizer dos animais? Não estará o bem-estar dos animais numa categoria totalmente diferente, que só interessa às pessoas loucas por cães e gatos? Como pode alguém gastar o seu tempo com a igualdade dos animais quando a verdadeira igualdade é negada a tantos seres humanos? (SINGER, 1998, p.65). Destaco aqui as reflexões supracitadas da igualdade de condições nas UTIs na Itália: quem vive e quem morre? Ou quem tem animais de estimação que pensam como dizem, - seus filhos - serem mais importantes que as pessoas humanas. Singer diz que:

A atitude reflete um preconceito popular contra a ideia de levar os interesses dos animais a sério - um preconceito tão infundado como aquele que levou os escravagistas brancos a não considerar com a devida seriedade os interesses dos seus escravos africanos. É fácil para nós criticar os preconceitos dos nossos avós, de que os nossos pais se libertaram (SINGER, 1998,p.66).

Na realidade, este é, pois, o argumento completo para alargar o princípio da igualdade aos animais não humanos; mas surgem algumas dúvidas sobre o que esta

igualdade implica na prática. De forma comparativa, não se pode confrontar a dor de uma pessoa, digamos, que morre de COVID19 numa agonia prolongada, por falta de ar, com a de um rato de laboratório que sofre o mesmo destino. Contudo, significa antes que temos de ter cuidado quando comparamos os interesses de diferentes espécies. Em algumas situações, como sacrifícios, testes, tratamentos, um membro de uma espécie sofrerá mais do que o de outra. Neste caso devemos continuar a aplicar o princípio da igualdade na consideração de interesses, mas o resultado dessa atitude consiste, é claro, em dar prioridade ao alívio do maior sofrimento (SINGER, 1998, p.69). Na ética prática, Singer questiona o argumento humano de podermos nos alimentar de animais:

“Como podem os seres humanos se alimentar de animais?”, pois para a maioria das pessoas das modernas sociedades urbanas, a principal forma de contato com os animais não humanos é à hora das refeições. O uso de animais na alimentação é provavelmente a mais antiga e a mais difundida forma de utilização dos animais. Num certo sentido trata-se também da forma mais básica de utilização dos animais, a pedra basilar em que assenta a crença de que os animais existem para o nosso prazer e conveniência. Se os animais contarem por si mesmos, a utilização que fizermos deles para a alimentação torna-se questionável em especial quando a carne dos animais representa mais um luxo que uma necessidade. Os Esquimós, que vivem num ambiente em que têm de matar animais para a sua alimentação ou morrer de fome, podem justificar-se dizendo que o seu interesse em sobreviver se sobrepõe ao dos animais que matam. A maioria de nós não pode defender a sua dieta deste modo. Os cidadãos das sociedades industrializadas podem facilmente obter uma alimentação adequada sem a utilização da carne dos animais. O peso esmagador das provas médicas indica que a carne dos animais não é necessária para a boa saúde nem para a longevidade. Tão pouco é a produção de animais nas sociedades industrializadas uma forma eficiente de produção de alimentos, dado que a maioria dos animais consumidos foi engordada com cereais ou outros alimentos que poderíamos comer diretamente. (SINGER, 1998, p.72)

Além disso, Singer questiona a criação de animais para suprir essa necessidade de uma sociedade industrializada, que se alimentam de animais e, que os mesmos sofrem muito no processo de produção em confinamentos, luz artificial, entre tantos processos:

Ao avaliarmos a ética da utilização da carne de animais na alimentação humana nas sociedades industrializadas, estamos a considerar uma situação na qual um interesse humano relativamente menor tem de ser contrabalançado pelas vidas e pelo bem-estar dos animais afetados. O princípio da igualdade na consideração de interesses não permite que interesses maiores sejam sacrificados a interesses menores. A argumentação contra a utilização de animais para a alimentação ganha especial relevância quando os animais são submetidos a condições de vida miseráveis, para os seres humanos disporem da sua carne ao mais baixo custo possível. As modernas formas de criação intensiva aplicam a ciência e

a tecnologia em prol da atitude segundo a qual os animais são objetos para o nosso uso (SINGER, 1998, p. 72).

O autor diz que os argumentos aplicam-se aos animais criados em unidades industriais o que significa que não devemos comer frango, porco ou vitela, a menos que saibamos que a carne que estamos a comer não foi produzida por métodos industriais. O mesmo se aplica à carne de vaca proveniente de gado bovino encerrado em manjedouras superlotadas (como acontece com a maioria da carne de vaca que se consome nos Estados Unidos). Os ovos são produzidos por galinhas mantidas em pequenas jaulas metálicas, tão pequenas que nem sequer permitem que as galinhas estendam as asas, a não ser que os ovos sejam especificamente vendidos como "ovos do campo", (ou a não ser que uma pessoa viva num país relativamente esclarecido como a Suíça, que proíbe o sistema de gaiolas para as galinhas) (SINGER, 1998, p. 74). Estes argumentos não nos forçam a adaptar na íntegra uma dieta vegetariana, uma vez que certos animais, como as cabras e as ovelhas e, em certos países, as vacas, ainda pastam livremente no campo. Assim, Singer fala, como mudar essa situação:

Esta situação pode mudar. Além de tirar as suas vidas, há também muitas outras coisas que se fazem aos animais de modo a trazê-los para o nosso prato a baixo custo. Talvez os animais possam ser criados em pequena escala sem sofrerem desta forma, mas não parece económico ou prático fazê-lo na escala necessária para alimentar as nossas elevadas populações urbanas. Em todo o caso, a questão importante não é saber se a carne dos animais *\*poderia\** ser produzida sem sofrimento, mas se a carne que estamos a considerar comprar foi produzida sem sofrimento. A não ser que possamos acreditar nisso, o princípio da igualdade na consideração de interesses implica que é um erro sacrificar importantes interesses do animal para satisfazer interesses menores da nossa parte; consequentemente, devíamos boicotar o resultado final deste processo (SINGER, 1998, p. 75).

Singer ainda questiona os argumentos naturalistas de que dá aos humanos esses direitos de consumir animais:

Esta interpretação da objeção comete dois erros fundamentais - um erro fatural e um erro de raciocínio. O erro fatural radica no pressuposto de que o nosso consumo de animais faz parte do processo evolutivo natural. Isto pode ser verdade em relação a algumas culturas primitivas que ainda caçam para a sua alimentação, mas nada tem a ver com a produção em massa de animais na pecuária industrial. Suponhamos que caçávamos para a nossa alimentação e que isso fazia parte de um processo de evolução natural.

Haveria ainda um erro de raciocínio ao presumir que, porque este processo seria natural, seria um bem. É sem dúvida "natural" uma mulher ter um filho por ano ou de dois em dois anos desde a puberdade até à menopausa, mas isto não significa que seja um mal interferir nesse processo. Precisamos conhecer as leis naturais que nos afetam de modo a prever as consequências daquilo que fazemos; mas não temos de presumir que a forma natural de fazer algo não é susceptível de aperfeiçoamento (SINGER, 1998, p. 82).

Singer ainda acrescenta as diferenças entre seres humanos e animais - a existência de um abismo enorme entre seres humanos e animais tem sido inquestionável no decurso da maior parte da existência da civilização ocidental e que foi destruída pela descoberta de Darwin das nossas origens animais e pelo declínio correspondente da credibilidade da história da nossa criação divina: criados à imagem de Deus com uma alma imortal. Houve muito quem tivesse dificuldade em aceitar que as diferenças entre nós e os restantes animais são diferenças de grau, e não de categoria. Procuraram formas de traçar uma linha divisória entre pessoas e animais. Até à data, essas fronteiras foram de curta duração. (SINGER, 1998, p.82). Singer na obra *Libertação Animal* fala que é impossível estabelecer comparações dos sofrimentos das diferentes espécies e que, por esta razão, quando os interesses dos humanos e dos animais entram em conflito, o princípio da igualdade não serve como orientação no princípio da igualdade, porém, os sofrimentos são semelhantes:

Talvez seja verdade que a comparação do sofrimento de membros de espécies diferentes não possa ser feita com precisão, mas a precisão não é essencial. Mesmo que quiséssemos evitar infligir sofrimento aos animais apenas quando fosse completamente certo que os interesses dos humanos não seriam afetados nem um pouco daquilo que os animais o seriam, seríamos forçados a proceder a mudanças radicais no nosso tratamento dos animais que implicariam os nossos hábitos alimentares, os métodos agrícolas que utilizamos, as práticas experimentais em muitos campos da ciência, a nossa atitude para com a vida selvagem e a caça, a utilização de armadilhas e o uso de peles, e as áreas de diversão como circos, rodeios e jardins zoológicos. Como resultado, muito sofrimento seria evitado... A aplicação do princípio de igualdade à inflicção de sofrimento, pelo menos em teoria, é bastante evidente. A dor e o sofrimento são maus em si mesmos, devendo ser evitados ou minimizados, independentemente da raça, do sexo ou da espécie do ser que sofre. A dor é tanto mais má quanto maior for a sua intensidade e mais tempo durar, mas as dores que têm a mesma intensidade e duram o mesmo tempo são igualmente más, quer sejam sentidas por humanos quer o sejam por animais. A incorreção de matar um ser é mais complicada. Mantive, e continuarei a manter, a questão da morte em segundo plano porque, no atual estado da tirania humana sobre as outras espécies, o mais acessível princípio da consideração igual de dor ou prazer constitui uma base suficiente para identificar e protestar contra todos os principais abusos dos animais perpetrados por seres humanos (SINGER, 2010, p.26).

Essa questão, na ética prática, em utilizarmos animais como alimento e no processo de produção causar tanto sofrimento aos mesmos, leva-nos, também a refletir sobre a pandemia causada pelo COVID19, quando se levanta a questão maior entre pesquisadores: se a doença surgiu após o consumo de animais silvestres na China resultando assim, por meio desta ação, a disseminação do vírus para os seres humanos? Todavia, de onde surge o vírus que está matando muitas pessoas no planeta? Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>10</sup> descreveu dia 04/05/2020 como "especulativas" as declarações das autoridades americanas que afirmam ter provas de que o novo coronavírus surgiu em um laboratório na cidade chinesa de Wuhan. "Não recebemos nenhum dado nem prova específica do governo americano sobre a suspeita origem do vírus, portanto, para nós continua sendo especulativo", declarou Michael Ryan, diretor de emergências da organização, em coletiva de imprensa virtual, na sede da OMS em Genebra. "A ciência deve estar no centro. A ciência encontrará as respostas", enfatizou este funcionário da agência sanitária da ONU. A equipe de pesquisadores descobriu que as cobras provavelmente são o "hospedeiro intermediário" entre morcegos e humanos, com a mistura de proteínas facilitando o "salto" da espécie. As cobras costumam caçar morcegos na natureza e foram vendidas no mercado de Wuhan, segundo o *The Conversation*. Não está claro como o vírus pode sobreviver tanto em espécies de sangue frio quanto de quente. No entanto, nem todos os especialistas estão convencidos dessa explicação. "Ainda não se sabe com certeza e pode nunca ser provado definitivamente", disse o professor Paul Hunter, da Universidade de East Anglia. "Existem relatos iniciais de que o vírus já foi detectado em morcegos e cobras, e as cepas de morcegos e cobras são semelhantes entre si e com as de casos humanos. Ainda há muito a descobrir sobre o vírus e existe uma possibilidade real de que a origem exata não seja encontrada. A grande questão não é mais de onde veio, mas como e onde está se espalhando nas populações humanas", afirma Hunter<sup>11</sup>. Uma equipe de pesquisadores<sup>12</sup> chineses anunciou que os pangolins malaios (*Manis javanica*), um tipo de mamífero da África e da Ásia ameaçado de extinção, pode ter sido o animal que passou o novo coronavírus para humanos. O surto da doença provavelmente se iniciou em um mercado de animais silvestres em Wuhan, na China, e desde então já infectou mais de 31

---

10 Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/noticias/mundo/oms-considera-especulativas-declarações-dos-eua-sobre-origem-do-coronavirus/ar-BB13AEsa?ocid=spartandhp>. Acesso 4 de maio de 2020.

11 Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/de-onde-veio-o-novo-coronavirus-090043990.html>. Acesso 4 de maio de 2020.

12 Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/este-pode-ter-sido-o-animal-que-passou-o-novo-coronavirus-para-humanos/>. Acesso em 21 maio de 2020.

mil pessoas em todo o mundo, totalizando 638 mortes até a tarde desta sexta-feira (07/02/20). O surto do novo coronavírus<sup>13</sup> obrigou a China a tomar uma decisão que mudará um costume tradicional em todo o país: o governo anunciou a proibição do consumo e venda de animais selvagens, responsáveis pela covid-19 e outras doenças globais, como a Sars (Síndrome Respiratória Aguda Grave), que matou centenas na década passada. O anúncio foi feito na segunda-feira 25/02/20, informou agência de notícias Reuters. Os cientistas suspeitam que o novo coronavírus tenha sido transmitido para os seres humanos a partir de animais silvestres. A cobra é um dos prováveis animais, indica um estudo. Assim fica ainda a questão: quem tem o direito de matar e de comer animais, como os morcegos, cobras, animais silvestre em geral, fato cultural na China, que podem ter infectado com o COVID-19: disseminado no planeta o vírus que causou a pandemia?

## CONCLUSÃO

Estamos neste momento singular e histórico, vivendo como se estivéssemos em um retiro com a pandemia provocada pelo novo coronavírus (COVID-19). Quando começou no início de janeiro de 2020, com os primeiros casos que aparecem e se espalhar, a partir da China, a COVID-19 vem causando pânico, incertezas e, principalmente, mudança de comportamento na ética prática. A pandemia que assola o planeta está levando a um futuro imprevisível, pois dirige a vulnerabilidade que todos: ricos, pobres, intelectuais, idosos, crianças, enfim, todos são no *expost-facto*, da pandemia, comprovadamente frágeis e sujeitos a mudanças no contexto social e moral na ética prática. Nesta reflexão que abordamos a temática da pandemia, por meio do olhar de Peter Singer (a ética prática e suas implicações de igualdade e o direito dos homens e dos animais), leva-nos a uma mudança de paradigma, em três relevantes tópicos: a) função do Estado (especialmente com foco nos direitos básicos da sociedade); b) a transformação do capitalismo (diante de uma recessão planetária e crises políticas); e, c) uma humanidade interconectada (demonstrando novos modelos e sistemas com conflitos éticos e uma consciência mais global a por meio da ética prática). Paradigmas a serem revistos e mudados com tudo o que assola no pós-pandemia causado pelo COVID19.

---

13 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/02/25/china-proibe-comercio-e-consumo-de-animais-selvagens-apos-coronavirus.htm>. Acesso dia 21 de maio de 2020.

Muitas mudanças no contexto físico com o isolamento social, contexto social com normas e influências cultural, transformações na integração de novas informações, mudanças na motivação das pessoas enquanto sua identidade e com nova realidade de emprego e renda, além das suas capacidades de reagirem a novas rotinas e, certamente no comportamento de uma ética prática transformada. As pessoas estão se adaptando e tomam suas decisões consoantes ao contexto e necessidades que são submetidas numa crise desta: um exemplo extremo de quem precisa trabalhar e quem não precisa. Também mudanças no contexto dos comportamentos humanos, saímos do ritmo automático e prestamos mais atenção na realidade. O Brasil e o mundo sofrem com os impactos do coronavírus, sendo o principal e naturalmente relacionado à saúde: milhares de infectados, hospitalizados e mortos que ainda irão sofrer no futuro próximo. Por fim, a rotina de indivíduos, famílias, comunidades e organizações – públicas e privadas – estão mudando o comportamento, desde as compra, estudos, até a forma da ética pratica de viver em sociedade, regras de isolamento rígidas, consumo moderado, mudanças nos hábitos de relacionamentos, onde todos na dor e na alegria são motivados pela pandemia, se sentiram iguais em comunidade.

## REFERÊNCIAS

BARIFOUSE, Rafael, **Coronavírus: Médicos podem ter de fazer 'escolha de Sofia' por quem vai viver na Itália.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51864814>. Acesso em 13 de maio de 2020.

KNOREK, REINALDO. **DIREITO E RELIGIÃO: a complexidade da justificação moral numa relação com a bioética.** Revista Húmus. v. 8, n. 23 (2018)

RITZ, Josianne. **Briga por uso de máscara acaba em morte em hipermercado na Grande Curitiba:** Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticia/briga-por-uso-de-mascara-acaba-com-uma-mulher-morta-e-um-homem-ferido-em-hipermercado-na-grande-curitiba#.XrRI8ahKiUk>. Acesso 07 de maio 2020.

SHALDERS, André. **Bolsonaro diz que pode determinar abertura do comércio com 'uma canetada' semana que vem.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52144782>. Acesso em 14/05/2020.

SINGER. Peter. **Ética Prática.** Tradução Jefferson Luis Camago. 2ª Ed. Artins Fontes, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. **Libertação Animal.** Tradução por Marcelo Brandão Cipolla e Marly Winckler. Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ZORZETTO, Ricardo, Da Pesquisa Fapesp. **A importância da curva epidêmica para conter o avanço do coronavírus.** Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/20/a-importancia-da-curva-epidemica-para-conter-o-avanco-do-coronavirus.htm>. Acesso em 07, março, 2020.